

Diversão & Arte



OS ENQUANTO A ANIMAÇÃO DE ENORME SUCESSO **MEU MALVADO FAVORITO** CHEGA AO QUARTO EPISÓDIO, NOS CINEMAS, UM FILME BRASILEIRO, DE ACOLHIMENTO DOS ENREDOS INDÍGENAS, É PREMIADO

PEQUENOS AMARELOS ATACAM NOVAMENTE

» RICARDO DAEHN

Numa animada versão de gala, os minions deixam claro o grau de importância na trama de *Meu malvado favorito 4*, que estreia sete anos depois de a terceira parte da franquia arrecadar mais de um bilhão de dólares de lucro. Sem cerimônia, os pequenos seres amarelos chegam numa festa que muito faz lembrar as aventuras de Batman, com direito à ação dentro de um castelo isolado, que é praticamente invadido por antigos frequentadores da chamada Escola de Vilania. Ainda que se veja como uma “delícia de pessoa”, um ser que nunca seria unanimidade — o pegajoso Gru — está nos festejos em que vilões assumidos celebram a formatura, em meados dos anos de 1980. Orgulhosa, entre todos os convidados, a experiente diretora Überschlecht tem especial apreço por um dos ex-alunos: Maxine Le Mal, tido como um modelo de ruindade. Comandando um exército de baratas, e com o dedo coçando para acionar um raio baratificador, que imprime extrema resistência a quem for

atingido, Maxine é o absoluto vilão de *Meu malvado favorito 4*.

Mais do que familiarizado com o mundo dos minions, o diretor Chris Renaud (de *Pets: a vida secreta dos bichos*) ganha o reforço, na direção do novo longa, do colega Patrick Delage, diretor de animação e estreante no meio. Os responsáveis pelo roteiro também são reconhecidos na indústria do cinema: Mike White é o mesmo redator da comédia *Escola de rock* e ainda criador da série *The white lotus*, enquanto Ken Daurio é lembrado por trabalhos como *Horton e o mundo dos quem!* (2008).

Figuras de ponta no universo de longas assinados pela Illumination, os minions tiveram filmes de grande sucesso comercial, em 2015 e 2022; mas, claro, já interligados à ação do agente do bem (outrora, malévolo) Gru. Os pequenos amarelos, que sempre respondem por um humor físico, seja às voltas com inofensivos volumes de gelatinas seja com ineficientes inseticidas (para, no caso,

conter Maxine), terão ainda maiores responsabilidades. Poderosos, eles terão a genética retrabalhada, a fim de se transformarem nos Megaminions.

Ao som de *Everybody wants to rule the world*, a dominação cantada no grande sucesso musical parece

ganhar corpo no clã comandado por Gru que, rabugento, faz muitos ficarem desconfortáveis ao redor dele. Enquanto Le Grand Baraton (como Maxine se autoba-tiza) tem Valentina, uma namorada a tiracolo, Gru tem, além da expressiva com-

panhia feminina (que inclui Lucy e as filhas Edith, Margô e Agnes), o bebê Gru Jr., nada amistoso na relação com o pai. Com “físico de paizão e careca”, como ressalta um dos personagens, diante de obrigações profissionais, ficará ainda menos popular ao obrigar a família a fingir ser de outra formação e ainda a se deslocar para a nada interessante cidade de Mayflower.

Com muitas situações cômicas e outras tantas que fazem lembrar as aventuras de Homem-Aranha, *Meu malvado favorito 4* projeta, para além da revolta dos familiares de Gru, episódios divertidamente enervantes, como no caso da nada amistosa vizinha Poppy e ainda as desventuras da maternal Lucy, obrigada a passar por cabeleireira. Junto com os desentendimentos das filhas com o professor de artes marciais, a fuga empreendida por Lucy no supermercado é dos momentos impagáveis do filme.



OS NÚMEROS DE OURO DOS AMARELINHOS:

MEU MALVADO FAVORITO 3 (2017)
US\$ 1 BILHÃO

MEU MALVADO FAVORITO 2 (2013)
US\$ 975,2 MILHOES

MEU MALVADO FAVORITO (2010)
US\$ 544,7 MILHOES

Meu Malvado Favorito 4

A ELES O QUE É DELES

Cinco anos depois da vitória do prêmio especial do júri, no segmento Um Certo Olhar (do Festival de Cannes), com o filme *Chuva é cantoria na aldeia dos mortos*, a dupla de diretores Renée Nader Messoria e João Salaviza novamente conquistou prêmio, com o longa *A flor do buriti*, que estreia no circuito. Ao norte do Tocantins, o povo krahô deu inspiração às negociações de um longa em que pesaram até mesmo questões espirituais. “Tivemos que reconfigurar a narrativa por conta de algumas orientações do pajé, por exemplo”, explica a diretora Renée, em entrevista ao **Correio**. Sair do conforto e do automatismo e a adoção de um pensamento ativo fez a diferença, como ela conta. **(RD)**

Entrevista // Renée Nader Messoria, codiretora

Qual foi o processo adotado?

Filmamos com pessoas com quem temos muita intimidade e que conhecemos bem. Estamos há mais de 10 anos na aldeia. Há participantes como os funcionários da Funai, e que estão muito presentes em todas as comunidades. Há um grupo de jovens que são guardiões da terra, fazem muitas fiscalizações e têm atividades de proteção territorial. Quando propomos uma cena, sabemos como cada um pode contribuir, quais elementos são disponíveis. Não dá, por exemplo, para se produzir uma festa indígena. São coisas que demandam

que toda a comunidade esteja envolvida, naturalmente. Você pode produzir pequenos movimentos da festa, mas não uma festa inteira. Não podemos filmar um casal que realmente não seja casal, por exemplo. Tendo esse território de intimidade, conseguimos filmar diminuindo as chances de erros.

Em que tecla registram com mais frequência: documental ou ficcional?

Fomos para territórios muito mais ricos: o filme não se enquadra numa dessas categorizações no sentido de ficção ou de documentário. Isso tem a ver com negociações permanentes que obrigam os diretores a buscar novas estratégias. Enquadra-se, grosso modo, em

esquema mais ficcional e documental, tendo o ideal de produzir o menor ruído possível.

Em que pesou o registro da perspectiva feminina?

Sentimos que tinha uma parte da história que não estava sendo contada. Historicamente, sempre era um antropólogo em jogo: os homens que chegavam na aldeia, que conversavam com lideranças masculinas, e assim foi se criando a história da antropologia e os mitos. Na guerra, uma preocupação de lugar central na organização. Ao conviver com a comunidade, percebemos as mulheres, e o olhar feminino. Metade da história, então, não foi contada, no percurso.

E o que acontece?

Esse homem branco tenta trazer indígenas e transformá-los em homem branco. Oferece essa

escolha: algo como optar pela espingarda ou pelo arco e flecha, ou, noutra versão, entre o prato ou cesta dos originários. No filme, fizemos esse movimento interno, enquanto o movimento indígena nos mostrou coisas como quem segura as aldeias hoje são as mulheres. Elas trouxeram uma nova forma de fazer

política. É uma forma de provocar mudança. Nisso, temos a Sônia Guajajara, a ministra dos Povos Indígenas, num ministério revolucionário, e há a primeira mulher indígena a ser presidente da Funai: a Joenia Wapichana.



A flor do buriti filme premiado em Cannes